

# Açoriano na Austrália mergulha com tubarões entre o Atlântico e o Pacífico

À procura de novas oportunidades depois de uma temporada a trabalhar como operador marítimo-turístico no Grupo Central, Fábio Leitão aceitou o convite de um casal australiano para os ajudar a abrir uma loja de mergulho na Austrália e para ali trabalhar como guia durante os mergulhos com tubarões. Porém, já regressou de propósito aos Açores para poder voltar a mergulhar com tubarões na Região.

Foi por estar “no sítio certo à hora certa” que a oportunidade de uma vida chegou até Fábio Leitão, quando lhe foi estendida a chance de viver e trabalhar num continente diferente a fazer aquilo que mais gosta: mergulhar no azul profundo dos oceanos na companhia de tubarões.

Assim, depois de uma licenciatura em Biologia na Universidade dos Açores e de cinco anos a viver no Faial e a trabalhar no Pico enquanto operador marítimo-turístico, o que significava fazer diariamente a travessia de barco entre as duas ilhas, mudou-se para o continente australiano, mais concretamente para Northern Beaches, relativamente perto de Sydney, onde é responsável pelo ensino de mergulho e caça submarina.

O convite foi-lhe endereçado em 2015, por um casal australiano que conhecia depois de se arriscar a publicar um anúncio numa rede social, indicando que procurava novas aventuras e oportunidades, obtendo desta forma uma resposta inesperada.

“A minha mudança para a Austrália foi a definição de estar no sítio certo no momento certo, pois andava à procura de novas aventuras, e após publicar um anúncio no Facebook fui contactado imediatamente por um casal australiano que conhecia para me mudar para a Austrália para guiar mergulhos com tubarões e para os ajudar a abrir uma loja de mergulho”, relembra.

Recebida esta proposta, Fábio Leitão adianta que a “decisão foi fácil” de tomar, tendo em conta sobretudo o facto de ser um “amante de tubarões” que teria ali uma oportunidade única de se mudar para um país que, para além de ser conhecido pelos cangurus e pela sua grande biodiversidade, é também conhecido pelos tubarões que nadam em redor do continente.

Apesar de gostar daquilo que fazia enquanto operador marítimo-turístico no Grupo Central, onde considera que, por vezes, o conhecimento popular não é amigo dos tubarões, a realidade é que a sazonalidade que se fazia sentir nesta profissão nos Açores – sobretudo num momento anterior à liberalização do espaço aéreo – era muito severa, fazendo com que apenas existisse trabalho durante metade do ano, “sem expectativa de evolução”.

Actualmente, apesar de o mar ser um grande atractivo daquela cidade, o micalense, hoje com 32 anos de idade, trabalha numa zona que não é considerada meramente como destino turístico, o que faz com que se lide essencialmente com o mergulhador residente.

Isto é, apesar de não terem “grandes números” em comparação com empresas maiores que se dedicam essencialmente a cativar turistas através dos seus serviços, existe ali trabalho durante todo o ano devido à aposta que fazem na qualidade de serviço prestado.

No trabalho que actualmente desem-



Enquanto guia, na ilha do Faial, onde viveu durante cinco anos após terminar o curso de Biologia



O açoriano chegou a regressar da Austrália de propósito para nadar com tubarões no mar dos Açores

penha, Fábio Leitão salienta que aquilo de que mais gosta é precisamente de fazer parte “de um momento marcante na vida de alguém, desde a primeira inspiração de baixo de água até quando alguém que tem fobia de tubarões entra na água rodeado deles e sai adorando cada segundo”.

Por outro lado, um dos maiores desafios prende-se com a dificuldade que existe ainda hoje, mesmo com toda a informação disponibilizada, em “mudar a mentalidade das pessoas perante os tubarões”, adiantando que isto pode ser combatido através do conhecimento científico e também através das experiências vividas com estes animais.

Com a chegada do novo coronavírus à Austrália, salienta, que contava no dia de

ontem com perto de 20 mil infectados, Fábio Leitão adianta que o impacto sentido não foi tão forte como na Europa, uma vez que o continente “nunca esteve completamente isolado”.

No que diz respeito aos cursos de mergulho, refere, foram alterados imensos procedimentos – nomeadamente com vários métodos de ensino virtual e ajuste de técnicas seguras de ensino –, mas houve “um aumento exponencial na actividade de caça submarina, o que criou uma procura imensa por educação na área”.

Em acréscimo, ao contrário do que acontece nos Açores e no resto da Europa, na Austrália já se faz sentir o Inverno, o que leva a que o número de casos de infecção pelo novo coronavírus aumente e que leva

De acordo com Fábio Leitão, há ainda um longo caminho a percorrer para “mudar as mentalidades” das pessoas em relação aos tubarões, uma vez que prevalece o mito de que estes são demasiado perigosos. Por outro lado, assistir ao primeiro mergulho dos clientes com estes peixes é uma das melhores sensações enquanto operador marítimo, diz.

a que as empresas australianas aguardem com expectativa a evolução da situação.

Ainda assim, mesmo fazendo algo que adora, o açoriano – natural da freguesia de Santa Clara – não consegue deixar de parte a imensidão azul do mar dos Açores, adiantando que há dois anos decidiu voltar durante duas semanas na condição de passar metade desse tempo a mergulhar com tubarões.

Para além desta experiência, Fábio Leitão regressou ao arquipélago no ano passado para fazer a época alta de mergulho com tubarões na ilha do Faial, actuando como guia durante esta experiência.

Apesar de considerar que os dois oceanos são “mundos completamente diferentes, desde as condições de cada um até ao que lá habita”, é daí que surge esta paixão pelo mergulho, uma vez que este “nos dá a possibilidade de explorar “mundos completamente diferentes”.

A ambição de sair dos Açores e da sua zona de conforto foi um objetivo deste micalense que se propôs a explorar novos desafios, não sendo por isso “difícil sair quando teve a oportunidade”. Por esse motivo, não vê o facto de ter saído da sua terra natal como algo negativo, mas sim “como algo que nos faz crescer como pessoas” e algo que faz até com que se dê “valor às pequenas coisas da terra natal”.

Contudo, foi precisamente por crescer junto ao mar e por desde cedo fazer actividades marítimas como caça submarina e vela que sempre teve uma “grande vontade de viver do mar”, o que em parte também acabou por facilitar a transição para um novo continente que lhe garantia também a proximidade com o oceano.

Contudo, e considerando tudo o que é deixado para trás numa situação de emigração, Fábio Leitão adianta que “valoriza imenso” os jovens que decidem “sair da sua zona de conforto para seguir as suas ambições, seja para lá ficarem ou para